

**XV CONFERÊNCIA BRASILEIRA
DE COMUNICAÇÃO CIDADÃ**

22 a 24 de junho de 2021

Online

**ABP
Com**

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

**Tema central:
Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – **FAAC**

Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Leitura crítica da mídia, fakenews e desinformação na prática da Educomunicação¹

Camila Escudero

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo Expandido

As relações entre Comunicação e Educação vêm se moldando, especialmente no contexto da América Latina, em um modelo positivo de articulação voltado ao desenvolvimento e para a transformação social. Se, do lado da Educação, por muito tempo, os métodos pedagógicos formais menosprezaram um possível caráter educativo

¹ Trabalho apresentado no GT **Práticas profissionais e formação cidadã em comunicação** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

de qualquer forma de comunicação de massa e tecnologia, ignorando o fato de poder trabalhar com ela, hoje a realidade é outra. Estimular trabalhos com crianças e jovens junto à mídia tradicional (TV, rádio, impresso) e às novas mídias (Internet, redes sociais) vem dando às escolas oportunidade de se aproximar da realidade de seus estudantes, ganhar espaço e importância em suas vidas, além de se tornar fundamental no desenvolvimento do senso crítico e da autonomia.

Já pelo lado da Comunicação, sabe-se que os usos dos meios vão muito além da transmissão e recepção de fluxos de informações ou mesmo da capacitação técnica. Estão intimamente ligados a práticas culturais e sociais que promovem identificações e formações de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na Sociedade da Informação na condição de emissores e não apenas de consumidores de conteúdo, garantindo, assim, em última instância, seu direito pleno à comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1991).

Nesse sentido, uma ampla área do conhecimento que une a Educação à Comunicação vem se desenvolvendo em diversas partes do mundo. Os nomes são os mais variados, respeitando, evidentemente, as especificidades conceituais. No geral, porém, trata-se de um campo conhecido como: *media literacy* e *media education* (Estados Unidos e Canadá), *éducation aux medias* e *compétence médiatique* (França), *educazione ai media* (Itália), *educación para la comunicación* ou *educación en medios* (Espanha e América Latina). No Brasil, pode ser conhecido por: pedagogia da comunicação, educação midiática, Literacia digital, Educomunicação, entre outros termos.

Não é foco deste trabalho discutir cada conceito e suas particularidades. No entanto, ressaltamos que muito mais que campos do conhecimento, que vem ocupando um lugar de destaque na academia, tais termos constituem políticas públicas de Educação, incorporando suas características a currículos pedagógicos. No caso do Canadá, por exemplo, trata-se de uma política pública em nível federal. No Brasil, é reconhecida na cidade de São Paulo a Lei 13.941, de dezembro de 2004, regulamentada pelo Decreto 46.211, de agosto de 2005, que instituiu o Programa Educom – Educomunicação pelas ondas do rádio. Se, no início, o objetivo era implantar projetos destinados a capacitar crianças e adolescentes para o uso da linguagem radiofônica, além de incentivar a radiofusão de interesse público (rádio e TV comunitárias), hoje, o foco está muito mais amplo. Estruturado em um Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de São Paulo, promove ações práticas com alunos nas escolas da rede da cidade, além de cursos

de formação para professores e outras ações. Um dos projetos desenvolvidos mais conhecidos é o Imprensa Jovem, implantado em 2005².

Assim, este trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência realizada com professores da rede municipal de São Paulo por meio de uma ação do Núcleo de Educomunicação e o projeto de Extensão Comunica, Nossa Gente!³, da Universidade Metodista de São Paulo. O objetivo é, a partir de um curso de formação ministrado a professores da rede municipal intitulado “Leitura crítica da mídia, desinformação e fakenews na Educação”, entender como um projeto de fact-checking pode ser implantado e desenvolvido por alunos de uma escola a partir da visão, ideias e condução dos professores, profissionais da área da Educação, mas, que revelam apenas um interesse ou afinidade com a Comunicação, não sendo essa sua área de atuação.

As aulas foram realizadas no mês de abril de 2021, como parte integrante do calendário regular de cursos de formação oferecidos anualmente pelo Núcleo de Educomunicação, responsável por toda estruturação (inscrição dos interessados, contratação dos formadores, emissão dos certificados etc). Por conta da pandemia de Covid-19, foi desenvolvido na modalidade virtual, utilizando as plataformas Google Meet (para encontros síncronos) e Google Classroom (para as atividades assíncronas). Foram diversas turmas simultâneas, em geral, com 40 cursistas cada, mas a que teve os resultados analisados neste relato foi a turma conduzida pela autora deste trabalho.

Com carga horária total de 20 horas, o curso foi dividido em: seis horas para encontros síncronos (semanais, de 1h30 cada); e o restante para as atividades assíncronas, desenvolvidas ao longo da semana pelos participantes, a partir de exercícios previamente estabelecidos. Como trabalho final, os professores-cursistas tiveram como tarefa elaborar um projeto e/ou uma ação de fact-checking que pudesse ser aplicado na escola onde atua, levando em consideração a realidade local, os recursos, estruturas etc. Participaram do curso 38 professores que trabalham em escolas de diversas regiões de São Paulo (relacionadas às chamadas DRE’s – Diretorias Regionais de Ensino) e de diferentes

² <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/category/imprensa-jovem>.

³ O Comunica, Nossa Gente! é um projeto de Extensão da Universidade Metodista de São Paulo, veiculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, integrando Pesquisa e Ensino, alunos e sociedade. Reúne estudantes e professores da dos cursos de graduação, mestrado em doutorado em Comunicação da universidade, no desenvolvimento de projetos práticos direcionados à Organizações da Sociedade Civil (OSC), escolas, coletivos etc., bem como realização de pesquisas acadêmicas, especialmente na área de Comunicação para o desenvolvimento e transformação social. Para saber mais: <https://comunicanossagente.wordpress.com>.

níveis, desde educação infantil, passando por ensino fundamental 1 e 2, além do EJA – Educação para Jovens e Adultos.

Dessa maneira, nos encontros síncronos foram apresentados e discutidos conceitos como: desinformação, pós-verdade, fakenews, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), infodemia, agências de fact-checking etc. Além disso, por conta da estrutura do Núcleo de Educomunicação, baseamos a fundamentação das ações no conceito de Educomunicação (SOARES, 2000; CORAZZA, 2016; SOARES, VIANA e XAVIER, 2017; SOARES, CITELLI e LOPES, 2019).

A cada aula semanal, os professores-cursistas realizavam durante a semana alguma atividade de pesquisa, de reflexão, de leitura, entre outros formatos, sobre os temas abordados a fim de complementar e aprofundar o conteúdo estudado nas seções

virtuais. Nesse meio tempo receberam as orientações para o trabalho final, dispostas aqui, de forma resumida, no quadro a seguir:

Ação de fact-checking na escola: Plano de trabalho	
Atividade	O que pretende desenvolver.
Público-alvo	Alunos, pais, comunidade escolar, bairro etc.
Objetivo	O que pretende com a atividade.
Participantes	Para quem se destina a atividade e qual a modalidade, componente curricular ou faixa etária? Ex: Estudante do Ensino Fundamental, 8º ano do componente Língua Portuguesa.
Recursos	Equipamentos, recursos materiais, ambientes, espaços, dispositivos tecnológicos necessários para a realização da ação.
Duração	Quanto tempo vai durar a atividade.
Periodicidade	Qual a frequência da atividade (anual, bimestral, mensal, quinzenal, duas vezes por semana etc.).
Interdisciplinaridade	Professores ou alunos de outras disciplinas envolvidas, bem como integração de variedades de formatos. Ex.: Produções e ações de comunicação (blog, programa de rádio, jornal, ensaio fotográfico, vídeo etc.) ou que ações (roda de conversa, oficina, apresentação, performance etc.) farão parte da atividade? Haverá um diálogo com outros componentes do currículo? De que forma?
Autoria	Nome do professor-cursista autor do projeto.
Passo a passo	Descrição detalhada das tarefas que precisarão ser realizadas para o desenvolvimento da atividade.
Possíveis desdobramentos	De que maneira essa ação poderia ser expandida, posteriormente.
ODS	Com qual (ou quais) dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável seu projeto estaria alinhado.

Assim, cada professor-cursista elaborou seu projeto e enviou as informações por meio de um formulário (desenvolvido no Google Forms), basicamente, com os campos descritos no quadro. Os 38 formulários foram submetidos à uma análise exploratória feita por professores e alunos de graduação, mestrado e doutorado envolvidos no projeto Comunica, Nossa Gente! Alguns professores-cursistas apresentaram seus projetos no

último encontro síncrono do curso – e essa fala também foi submetida à análise. Os resultados mostraram que:

- De maneira geral, os professores-cursistas se mostraram entusiasmados com o projeto, reconhecendo a importância de educar os alunos para uma leitura crítica dos meios e o desenvolvimento de uma ação de fact-checking como um caminho para isso.
- Interessante notar que todos os projetos tiveram caráter majoritariamente prático. Apesar de alguns preverem aulas expositivas iniciais – para inteirar os alunos da importância de se combater as notícias falsas, ter um olhar crítico para as desinformações etc. –, as mesmas foram pensadas em formatos alternativos, como rodas de conversa e debates fora do ambiente da sala de aula (como no auditório da escola ou mesmo no pátio).
- Outro aspecto que chama a atenção é o envolvimento dos pais e familiares na ação. Muitos dos projetos elaborados projetavam enviar resultados para os pais. Um exemplo: O projeto “Desmentindo a fakenews da semana”, que previa a elaboração de um boletim escrito pelos alunos que checavam alguma desinformação em evidência no momento, expondo a versão correta do fato. A ideia é que o mesmo circulasse entre os alunos e fosse transmitido pelo Whatsapp da escola para os pais.
- No que diz respeito aos professores-cursistas que atuavam com Educação Infantil (crianças de até 5 anos), essa preocupação com os pais e familiares ficou mais evidente. Foram comuns as ideias de produção de jornal-mural elaborado pelos próprios professores a ser fixado na entrada das escolas (onde os pais pegam e deixam as crianças) para que pudessem receber esse tipo de informação. Com os alunos mais velhos dessa faixa etária, porém, a participação dos alunos não foi descartada. Um exemplo foi o projeto: “Fakenews aqui não”, que previa a fixação da informação falsa no jornal mural com mãozinhas de crianças pintadas em vermelho (como um carimbo) e da informação correta, com mãozinhas de crianças pintadas em verde, em uma referência às cores do semáforo.
- Todos os projetos foram elaborados de maneira processual, ou seja, o desenvolvimento e a implantação seguiriam etapas e fases, envolvendo dinâmicas diferentes, sintetizadas aqui em: conversas, planejamento, produção, finalização,

divulgação. O período de cada etapa varia de acordo com as particularidades de cada ideia. Mas, não houve projetos que durassem menos de um mês para conclusão de todas essas fases.

- A interdisciplinaridade foi outro ponto bastante enfatizado. Foram muito comuns os projetos que previam atividades conjuntas entre componentes diferentes. Citamos aqui dois exemplos ilustrativos nesse sentido. 1) O telejornal “Truthnews”: a ação consiste em redigir, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Inglês, textos sobre notícias falsas e o que mostrou o processo de checagem feito pelos alunos daquela informação. O texto seria lido pelos estudantes em uma espécie de telejornal que seria filmado pelo celular. O cenário do telejornal seria produzido pelos alunos na disciplina de Artes. 2) O jornal “Ciência é verdade”: o projeto consiste em produzir um pequeno boletim escrito desmentindo fakenews sobre saúde. Seria elaborado pelos alunos nas disciplinas de Ciências e de Educação Física.
- Mais uma característica muito comum dos projetos é a variedade de formatos prospectados: podcast, boletins impressos, jornal-mural e vídeo para o Youtube foram os formatos mais pensados. Destaque absoluto para o uso do celular e internet para viabilizar todos os projetos, especialmente na fase de pesquisa da verdadeira informação. Alguns professores-cursistas também pontuaram a utilização dos laboratórios de informática das escolas e a ajuda e envolvimento do professor de apoio do espaço.
- Por fim, vale destacar a horizontalidade dos projetos apresentados, bem como o protagonismo dos estudantes. Mesmo sendo tais ações uma iniciativa dos professores, todas elas envolveriam discussões com os alunos, trabalho em equipe, participação e engajamento. A própria fakenews a ser checada, na maioria dos casos, partiria de uma sugestão dos estudantes, que ficariam responsáveis por todo o trabalho de pesquisa e checagem, visando, ainda, o desenvolvimento da autonomia e estímulo no processo formativo.

Entre muitos outros pontos, a análise dos projetos apresentados pelos professores-cursistas vai de encontro aos preceitos mais fundamentais da Educomunicação e da aliança entre os campos da Educação e Comunicação. Não se trata apenas de implantar uma ação de fact-checking na escola e desenvolver um jornal ou um podcast sobre isso, mas de fazer tais ações via mobilização conjunta de professores e alunos, a partir do

contexto em que ela será realizada: meio e linguagem que faça sentido naquele lugar para aquelas pessoas. Em um aspecto mais amplo, desenvolve-se não só habilidades e competências relacionadas ao currículo escolar, mas questões da ordem da formação cidadã.

Palavras-chave: Educomunicação; Fakenews e desinformação; Escolas municipais de São Paulo; Projeto Comunica, Nossa Gente!; Formação de professores.

Referências bibliográficas

CORAZZA, Helena. Educomunicação na cultura digital. Desafios e perspectivas na formação pastoral. *Revista Espaços*, Nº. 24, vol. 1, p. 27-42, 2016.

GUMUCIO-DAGRON, Alfonso. Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo. *Signo y Pensamiento*, 58 (XXX), pp. 26-39, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones – Comunicación, cultura e hegemonía*. México: Editorial Gustavo Gilli, 1991.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: Um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (19), p. 12-24, set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira, VIANA; Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Orgs.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.

SOARES, I. de O.; CITELLI, A. LOPES, M. I. V. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. *Comunicação & educação*, Ano XXIV, N. 2, p.12-25, jul/dez 2019.